



SEÇÃO: ARTIGOS LIVRES

Gálatas 5,1-6: A vocação para a liberdade

Galatians 5,1-6: The call to freedom

Gálatas 5,1-6: La llamada a la libertad

Waldecir Gonzaga¹

orcid.org/0000-0001-5929-382X
waldecir@hotmail.com

Neimar Schuster²

orcid.org/0009-0009-1873-0523
peneimarschuster@gmail.com

Recebido em: 28/05/2023.

Aprovado em: 04/06/2023.

Publicado em: 13/11/2023.

Resumo: A vocação à liberdade é a temática central da pericope Gl 5,1-6. Em um momento de conflito espiritual na comunidade dos gálatas, Paulo dirige sua Carta aos cristãos que correm o risco de perder a liberdade ao aderir a outro evangelho que não o de Cristo, que ele lhes anunciou. Perder a liberdade significa retornar a uma vida de escravidão, e jogar fora a salvação que Cristo nos conquistou, afinal "é para a liberdade que Cristo nos libertou" (Gl 5,1). Diante de dois caminhos que são antagônicos – a justificação pelas obras da Lei e a justificação pela fé em Jesus Cristo – os gálatas são chamados a viver a liberdade dos filhos de Deus. Através de um estudo exegetico, a partir do Método de Análise Retórica Semítica, o presente artigo constrói um percurso de compreensão do chamado à liberdade feito por Paulo aos Gálatas, e que continua de grande valia para a vivência cristã na atualidade. Em um tempo em que nem sempre é claro o que o Espírito nos inspira, em que a própria liberdade ainda não é uma vivência espiritual consolidada, ou até desejada, Paulo transmite com clareza impar a importância de promovê-la e defendê-la de todos os caminhos que a possam corromper. Jesus é nosso juiz e Salvador, e só Nele a obediência a Deus se torna possível ao ser humano. A fé que opera através do amor cumpre toda a Lei (Gl 5,14).

Palavras-chave: liberdade; Cristo; Gálatas; Paulo; circuncisão; vocação.

Abstract: The vocation to freedom is the central theme of the pericope Gal 5,1-6. At a time of spiritual conflict in the Galatian community, Paul addresses his Letter to Christians who risk losing their freedom by adhering to a gospel other than that of Christ, which he announced to them. Losing freedom means returning to a life of slavery, and throwing away the salvation that Christ won for us, after all "it is for freedom that Christ set us free" (Gal 5,1). Faced with two ways that are antagonistic – justification by the works of the Law and justification by faith in Jesus Christ – the Galatians are called to live the freedom of the children of God. Through an exegetical study, based on the Method of Semitic Rhetoric Analysis, this article builds a journey of understanding the call to freedom made by Paul to the Galatians, and which continues to be of great value for the Christian experience today. At a time when it is not always clear what the Spirit inspires us, and that freedom itself is not yet a consolidated spiritual experience, or even desired, Paulo conveys with unique clarity the importance of promoting it, and defending it from all the ways that can corrupt it. Jesus is our judge and Savior, and only in Him is obedience to God possible for human beings. Faith working through love fulfills the whole law (Gal 5,14).

Keywords: liberty; Christ; Galatians; Paul; circumcision; vocation.

Resumen: La vocación a la libertad es el tema central de la pericopa Gal 5,1-6. En un momento de conflicto espiritual en la comunidad de Galacia, Pablo dirige su Carta a los cristianos que corren el riesgo de perder su libertad adhiriéndose a un evangelio diferente al de Cristo, que él les anunció. Perder la libertad significa volver a una vida de esclavitud y desechar la salvación que Cristo ganó para nosotros, después de todo, "para la libertad Cristo nos liberó" (Gal 5, 1). Frente a



¹ Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

² Escola Superior de Teologia (EST), São Leopoldo, RS, Brasil.

dos caminos antagónicos -la justificación por las obras de la Ley y la justificación por la fe en Jesucristo- los gálatas están llamados a vivir la libertad de los hijos de Dios. A través de un estudio exegético, basado en el Método de Análisis de la Retórica Semítica, este artículo construye un camino de comprensión del llamado a la libertad que hizo Pablo a los gálatas, y que sigue siendo de gran valor para la experiencia cristiana hoy. En un momento en que no siempre está claro lo que nos inspira el Espíritu, y que la libertad en sí misma no es aún una experiencia espiritual consolidada, ni siquiera deseada, Paulo transmite con singular claridad la importancia de promoverla, y defenderla de todas las formas que puede corromperlo. Jesús es nuestro juez y Salvador, y sólo en Él es posible la obediencia a Dios para los seres humanos. La fe que obra por el amor cumple toda la ley (Gal 5,14).

Palabras clave: libertad; Cristo; Gálatas; Pablo; circuncisión; vocación.

Introdução

A Carta de São Paulo aos Gálatas é considerada a Carta Magna da liberdade nas Sagradas Escrituras. Escrita no mais genuíno estilo das primeiras cartas de Paulo, repleta de fundamentações veterotestamentárias e sequências argumentativas na defesa de uma verdade de fé, a carta é direcionada a comunidades que correm sério risco de serem enganadas por falsos evangelizadores, que ao invés de conduzirem os fiéis para a liberdade do Evangelho, os levam de volta à escravidão. Mas “é para a liberdade que Cristo nos libertou” (Gl 5,1).

O presente artigo ater-se-á à análise exegética da perícope Gl 5,1-6, que inaugura a terceira seção da carta, justamente sobre a liberdade cristã, procurando apresentar sua densidade teológica com a riqueza de argumentos próprios do apóstolo dos

gentios, e revelando a sacralidade e atualidade do seu ensinamento. Baseado no Método da Análise Retórica Semítica, o texto quer provocar a reflexão sobre a grandeza da vocação divina que recebem todos os fiéis à liberdade.

A preocupação de Paulo em defender a liberdade diante das ideologias religiosas errôneas de sua época pode iluminar a luta espiritual na atualidade para promover relações livres e dignas em todos os segmentos da sociedade, especialmente dentro das comunidades eclesiais.

Texto grego e tradução de Gálatas 5,1-6

A tradução e a segmentação referentes à perícope Gl 5,1-6 revelam a beleza e a unidade temática desta parte do texto paulino. Todo o vocabulário empregado para sua construção indica o itinerário e a experiência de Paulo acerca da liberdade e seu valor na vida de todo aquele que decidiu seguir o Cristo. Paulo afirma que Deus nos chama à liberdade e, se não formos livres, de nada valeu o sacrifício redentor de Seu Filho Jesus Cristo por nós. Por isso, deixa bem claro o grande perigo à liberdade que os gálatas incorrem pela teologia da circuncisão – que é o termo mais repetido e explicado do texto em estudo. O próprio exercício para se segmentar e traduzir o texto bíblico ajuda na crítica textual – apresentada no capítulo posterior –, na análise dos verbos e dos seus movimentos e nuances, nos campos semânticos e nos elementos retóricos, na estrutura e em sua compreensão bíblico-teológico-pastoral.

1 Τῆ ἐλευθερίᾳ ἡμᾶς Χριστὸς ἠλευθέρωσεν· στήκετε οὖν καὶ μὴ πάλιν ζυγῶ δουλείας ἐνέχεσθε.

2 Ἴδε ἐγὼ Παῦλος λέγω ὑμῖν ὅτι ἐὰν περιτέμνησθε, Χριστὸς ὑμᾶς οὐδὲν ὠφελήσει.

3 μαρτύρομαι δὲ πάλιν παντὶ ἀνθρώπῳ περιτεμνομένῳ ὅτι ὀφειλέτης ἐστὶν ὅλον τὸν νόμον ποιῆσαι.

4 κατηγορήθητε ἀπὸ Χριστοῦ, οἵτινες ἐν νόμῳ δικαιούσθε, τῆς χάριτος ἐξέπεσате.

5 ἡμεῖς γὰρ πνεύματι ἐκ πίστεως ἐλπίδα δικαιοσύνης ἀπεκδεχόμεθα.

6 ἐν γὰρ Χριστῷ [Ἰησοῦ] οὔτε περιτομή τι ἰσχύει οὔτε ἀκροβυστία ἀλλὰ πίστις δι’ ἀγάπης ἐνεργουμένη.

5, ¹Para a liberdade Cristo nos libertou. Permanecei firmes, portanto, e não vos deixeis prender novamente ao jugo da escravidão.

²Eis que eu, Paulo, vos digo que se fordes circuncidados, Cristo, a vós, de nada aproveitará.

³E testemunho novamente a todo homem circuncidado: que ele está obrigado a observar toda a lei.

⁴Fostes separados de Cristo, os que na lei sois justificados; da graça decaístes.

⁵Pois nós, pelo Espírito, pela fé, aguardamos a esperança da justificação.

⁶Pois, em Cristo [Jesus], nem a circuncisão tem valor, nem a incircuncisão, mas uma fé operando por meio do amor.

Quadro 1 – Fonte e tradução de Gl 5,1-6

Fonte: Elaborado e traduzido pelos autores (2023), com base no texto de Aland e Nestle (2012).

Critica textual

A partir do texto em grego da pericope Gl 5,1-6, do *Novum Testamentum Graece*, de Aland e Nestle (2012), 28ª edição (NA28), são analisadas as variantes nele encontradas e catalogadas no *Aparato Critico*, para que o texto se aproxime o máximo possível do texto original redigido pelo autor bíblico.

v.1 – A primeira variante se encontra no v.1. O NT de NA28 toma por base o *Codex Vaticanus* (B) para apresentar a expressão “Τῆ ἐλευθερίᾳ ἡμᾶς Χριστὸς ἠλευθέρωσεν· στήκετε οὖν/*Para a liberdade Cristo nos libertou*”, como sendo a mais próxima de um possível texto original, apoiada pelo *Codex Sinaiticus* (Ⲛ) e pelo *Codex Alexandrinus* (A), o que facilita mais a decisão favorável, pois se trata de três manuscritos de maior grandeza em todos os sentidos, a começar pela antiguidade, qualidade e localidade. Porém, há outros manuscritos que apresentam acréscimos ou mudança na ordem dos vocábulos a serem analisados. Por exemplo, a mesma expressão é apresentada na ordem “Τῆ ἐλευθερίᾳ οὖν ἡμᾶς Χριστὸς ἠλευθέρωσεν· στήκετε/*Para a liberdade, portanto, Cristo nos libertou*”, ou com algumas pequeninas variações, no *Codex Bezae Cantabrigiensis* (D) e nos manuscritos K, L, 104, 630, 1505, 2464 ⲙ sy hmg. O *Codex Ephraemi* (C) e os manuscritos H Y, 0278, 81, 365, 614, 1175, 1241, 1739 e 1881 apresentam o texto “Τῆ ἐλευθερίᾳ ἡμᾶς Χριστὸς ἠλευθέρωσεν· στήκετε οὖν/*Para a liberdade nos libertou Cristo*”. Na mesma ordem da frase, a palavra “στήκετε/*permanecei firmes*” é substituída pelo termo “στήτε/*decidi-vos*” nos manuscritos H, 0278, 365 e 1175, assim apresentando uma pequena mudança de sentido, na mesma linha da firmeza. Ainda se vê uma pequena alternância nos manuscritos F e G, que trazem o v.1 iniciando com o artigo definido: “ἡ ἐλευθερίᾳ ἡμᾶς Χριστὸς ἠλευθέρωσεν· στήκετε οὖν/*A liberdade Cristo nos libertou. Permanecei firmes, portanto*”. Compreende-se a grande variação na apresentação deste versículo, que é praticamente como um *slogan* da antropologia de Paulo. Tendo presentes os três manuscritos que apoiam a leitura (B Ⲛ A), bem como o fato de que as variações na ordem dos termos não alteram o significado do enunciado,

opta-se pela manutenção da variante assumida pelo Comitê central da NA28.

v.3 – A segunda variante da pericope estudada encontra-se no v.3. O advérbio “πάλιν/*novamente*” é omitido no *Codex Bezae Cantabrigiensis* (D) e nos manuscritos F G, 1739 e 1881. Pelo número de testemunhas e a grande abrangência geográfica dos manuscritos, opta-se por manter a variante apresentada pela NA28, com a inclusão do termo no texto. Ainda no v.3, o verbo no aoristo passivo ποιῆσαι (infinitivo do verbo ποιέω apresenta o sentido de executar, obedecer a algo instituído), com o significado de “executado”, é substituído pelo termo “πληρῶσαι/*completado*” (infinitivo do verbo πληρῶω apresenta o sentido de completar, cumprir algo estabelecido), nos manuscritos 1505 syhh, Mcion^F, segundo Epifânio, no século II d.C. Porém, tal mudança não altera o sentido. Pela análise crítica do texto, concorda-se com a variante assumida pela NA28, tendo presentes os manuscritos que apoiam esta leitura.

v.6 – No v.6, o *Codex Vaticanus* (B), bem como Clemente de Alexandria, no século III, omitem o termo “Ἰησοῦ/*Jesus*”, por isso, entende-se o motivo de a NA28 trazê-lo dentro de colchetes [Ἰησοῦ], indicando o fato de que os membros do Comitê central de avaliação e crítica não estão muito seguros sobre a autenticidade do termo como fazendo parte de um possível texto original, mas também indicando que não estão totalmente seguros de que não façam parte. Na dúvida, a decisão é deixar e indicar que a reflexão ainda precisa ser amadurecida, antes de deixar definitivamente ou tirar. Os demais testemunhos permanecem com a apresentação do texto tal como está no NA28. Diante disso, a opção é por seguir a precaução apresentada pelo Comitê central da NA28 e manter a leitura entre colchetes [Ἰησοῦ], inclusive na tradução [Jesus]. Aliás, é o único caso de maiores dúvidas aqui na pericope.

Estrutura literária

Se a segmentação, a tradução e a crítica textual já revelaram a beleza da pericope Gl 5,1-6, mais ainda se percebe a riqueza e a beleza do vocabulário, bem como a teologia do texto e sua

coerência, ao se ver a estrutura do texto. O que se percebe é que o autor da liberdade é Cristo (v.1), que opera no Espírito, por meio do amor, que justifica pela fé e na graça (vv.4-5), mas não dispensa da prática do amor, pelo contrário, pre-

coniza uma fé operosa por meio do amor (v.6). Neste sentido, Paulo vai afirmar, em seguida: "Pois toda a lei em uma palavra é cumprida, nesta: Amarás o teu próximo como a ti mesmo" (Gl 5,14).

5, ¹Para a **LIBERDADE CRISTO** nos **LIBERTOU**.

Permaneçei firmes, portanto,
e não vos deixeis prender novamente ao jugo da **escavidão**.

²Eis que eu, Paulo, vos digo: que se vos fordes **circuncidados**,
CRISTO de nada vos servirá.

³E testemunho novamente a todo homem **circuncidado**:
ele está obrigado a observar toda a **Lei**.

⁴Fostes separados de **CRISTO**, os que na **Lei** sois justificados;
da **graça** decaístes.

⁵Pois nós, pelo **ESPÍRITO**, pela **fé**, aguardamos a esperança
da **justificação**.

⁶Pois, em **CRISTO JESUS**,
nem a **circuncisão** tem valor, nem a **incircuncisão**,
mas a **fé** operando por meio do **AMOR**.

Quadro 2 – Libertados para a liberdade

Fonte: Elaborado pelos autores (2023).

A estrutura literária de Gl 5,1-6 seguirá o Método de Análise Retórica Semítica, método exe-gético criado pelo francês Roland Meynet, e que tem nele seu principal referencial na atualidade.

Enquanto a Retórica Grega tem como objetivo gerar a persuasão por meio da argumentação lógica, a fim de atingir as crenças e as convicções do ouvinte e levá-lo a agir de acordo com ela, a Retórica Semítica traz outro modo de raciocinar que não é aquele da lógica linear, argumentativa e conclusiva (GONZAGA, 2021, p. 7).

É uma retórica que diz respeito à língua hebraica. Mesmo que as cartas de Paulo tenham sido escritas na língua grega, são muito influenciadas pela cultura semítica, da qual o autor sempre foi participante.

O maior contributo deste método à ciência exegética está no fato de ajudar a situar os textos bíblicos nos conjuntos de perícopes que constituem as seqüências, os conjuntos de seqüências que formam as seções e, por fim, o livro em seu conjunto.

A análise retórica também é útil para analisar os textos curtos, as perícopes (isto é, as unidades

mínimas de recitação, tais como as narrações de milagres, duma parábola, dum pequeno discurso), e para lhes determinar os limites. Insistências, binarismos e paralelismos, por exemplo, são alguns dos recursos usados pelos autores bíblicos, na sua cultura semítica, para reforçar algumas ideias e facilitar sua assimilação, e que servem de critérios para seccionar os textos e suas estruturas. Não levar isto em conta pode empobrecer qualquer estudo exe-gético.

Pelo Método de Análise Retórica Bíblica Semítica (GONZAGA, 2019, 2021; MEYNET, 1992, 1993, 1996, 2020), seccionamos a Carta de Paulo aos Gálatas, um texto autenticamente paulino (ou *protopaulino*) (GONZAGA, 2017a), em três grandes seções, após a saudação inicial, feita pelo autor do texto em Gl 1,1-5. Seguiremos a estrutura tomando por base um recente artigo sobre a estrutura da Carta aos Gálatas à luz da Análise Retórica Bíblica Semítica (GONZAGA, 2021). Para Becker (2007, p. 388),

Gálatas é um bom exemplo de estratégia paulina...Não só a educação superior do Apóstolo foi identificada, o que lhe permitia recorrer aos recursos elementares da retórica, mas também se procurou demonstrar especialmente que, em situações polêmicas, bem como em partes isoladas da correspondência coríntia e, mais concretamente ainda, em Gálatas, Paulo se serve da retórica judiciária. Gálatas é a única carta que – embora de forma fragmentada – imita um discurso judiciário, proporcionando-nos um caso único de fusão de formulário epistolar, estilo epistolar e discurso de defesa.

Já na saudação, Paulo mostra o tom nervoso da Carta, como que se defendendo daqueles que o acusam de não anunciar o verdadeiro Evangelho, apresentando suas prerrogativas de apóstolo, "não por vontade dos homens, mas por vontade de Deus nosso Pai e do Senhor Jesus Cristo que por sua entrega por nós vem nos livrar do presente mal" (Gl 1,4).

Após a saudação inicial, a primeira grande seção começa em Gl 1,6 e termina em Gl 2,21. Paulo apresenta o problema que o faz escrever a Carta, em espírito de urgência: o abandono do verdadeiro evangelho e o seguimento de "outro evangelho" do que aquele por ele anunciado, "não que haja outro" (Gl 1,7).

Em seguida, Paulo faz memória de sua história pessoal, com uma riqueza ímpar de detalhes, como nenhuma Carta sua ou escrito bíblico o faz. Termina a narração com o questionamento feito a Pedro, em Antioquia, sobre o seguimento do Evangelho feito pelos gentios e pelos judeus, cada um conforme sua cultura, para concluir a seção com a tese central da Carta, em defesa da vivência cristã ensinada por ele e assumida pelos gentios: "se é pela Lei que vem a justiça, então Cristo morreu em vão" (Gl 2,21) e:

Sabendo, entretanto, que o homem não se justifica pelas obras da Lei, mas pela fé em Jesus Cristo, nós também cremos em Cristo Jesus para sermos justificados pela fé em Cristo e não pelas obras da Lei, porque pelas obras da Lei, ninguém será justificado (Gl 2,16).

Em defesa desta tese central, apresenta-se a segunda grande seção da Carta aos Gálatas na argumentação doutrinal de Paulo (Gl 3,1–4,31), baseada nas Escrituras. Tendo recebido o Espírito Santo, os gálatas recuam na fé e estão aceitando

novamente, no seguimento às doutrinas judaizantes, os argumentos mundanos para a salvação divina. Para combater este recuo, Paulo defende a justificação pela fé e não pelo cumprimento da Lei, recorrendo às imagens de Abraão e das duas alianças.

Quem é pela fé, é abençoado com Abraão que teve fé (Gl 3,19). Quem é pelas obras da Lei, está debaixo da maldição porque ninguém consegue cumprir todas as exigências da Lei e, segundo Dt 27,26: "Maldito todo aquele que não se atém a todas as prescrições que estão no livro da Lei para serem praticadas". Tomando cuidado para não tornar a Lei inútil, Paulo mostra por sua argumentação seu caráter pedagógico, preparando o evento-Cristo. A Lei tutelou o Povo de Deus até Cristo que, com a Sua revelação e o advento da fé, superou todas as desigualdades e conduziu a humanidade à plenitude, até a vinda de Jesus Cristo, "nascido de mulher" (GONZAGA, 2019). Agora, porém, em Cristo Jesus, "judeus e gregos, homens e mulheres, escravos e livres" (Gl 3,28) são um só, filhos de Abraão e herdeiros segundo a promessa (Gl 3,29).

Abraão teve dois filhos: um com Agar, sua serva, segundo a carne; outro, Isaac, com Sara, a sua esposa livre, segundo a promessa. Como Isaac, os gálatas são filhos da promessa e perseguidos por aqueles que ainda são escravos, pela Lei devem se libertar dos mesmos e viver como livres.

Em Gl 5,1 encontramos um versículo de passagem, que serve como conclusão da reflexão anterior e introduz a temática da liberdade cristã na carta paulina: "Τῆ ἐλευθερίᾳ ἡμᾶς Χριστὸς ἠλευθέρωσεν· στήκετε οὖν καὶ μὴ πάλιν ζυγῷ δουλείας ἐνέχεσθε" ou "*Para a liberdade Cristo nos libertou. Permanecei firmes, portanto, e não vos deixeis prender novamente ao jugo da escravidão*" (GONZAGA; STRONA, 2021, p. 18).

A terceira grande seção do texto parte desta afirmação e transcorre sobre a verdadeira liberdade dos fiéis em Cristo (Gl 5,1–6,18). A circuncisão, que é a marca religiosa dos que vivem segundo a Lei não tem valor diante de Cristo Jesus. Para os gálatas, deixar-se circuncidar para obter a salvação significaria romper com Jesus e voltar à Lei como

caminho de Salvação. E a Lei não tem este poder.

Nesta parte final da Carta, Paulo abre parênteses na sua soteriologia para falar das implicações éticas da liberdade. Orienta que a liberdade não sirva de pretexto para a carne (Gl 5,13), jogando fora tudo o que ela nos conquista. Ele afirma que a liberdade precisa ser conduzida pelo Espírito, que nos coloca a serviço uns dos outros. Assim somos livres também das obras da carne e, quando alguém é apanhado em falta, no mesmo Espírito é corrigido com mansidão para retomar o caminho da justiça, pois “quem semear na sua carne, da carne colherá a corrupção; quem semear no espírito, do espírito colherá a vida eterna” (Gl 6,8).

A vocação à liberdade segundo Gl 5,1-6

O fato da vida de Paulo que mais consequências gerou na sua história e na das comunidades que criou foi a vocação que recebeu do próprio Cristo, enquanto perseguia os cristãos, no caminho de Damasco. Segundo Schnelle (2010, p. 100), “Paulo insere-se no grupo dos homens-testemunhas da ressurreição e deriva seu apostolado da aparição do Senhor que aconteceu também a ele”.

Alguns pensadores chamam o fato de conversão de Saulo, mas cremos ser mais justo olhar para ele como um chamado, uma verdadeira vocação. Na própria maneira como é apresentado na Escritura este momento, percebe-se a intenção de apresentar o fato neste termo. De acordo com Ramos (2012, p. 59),

O “diálogo de aparição” é um gênero literário religiosamente familiar no contexto do Antigo Testamento; ele apresenta um duplo chamamento, uma pergunta ao Senhor, a auto-apresentação da personagem que é objecto de visão e, finalmente, o encargo que se pretendia. Foi precisamente neste sentido que se processou o diálogo de Jesus com Paulo, segundo o relato ocorrido na estrada de Damasco.

Para Lopez (2011, p. 259):

Sob o ponto de vista da nova perspectiva, Paulo é chamado assim como foram os profetas antes dele (mais propriamente Isaías, Jeremias e Ezequiel). O conteúdo do chamado de Paulo é trazer as boas-novas de um judeu messias crucificado para comunidades diferenciadas, onde ele certamente está “entre judeus e gentios”. Ele é escolhido pelo Deus de Israel para

estar entre os gentios em particular e declarar a restauração de Israel (Jr 1,5; Is 42,1).

A vocação de Deus acolhida por Paulo é o ponto de partida para compreendermos a vocação de Paulo aos gálatas e a vocação à liberdade, dirigida aos cristãos de todas as épocas, e atualizada para os nossos tempos.

A vocação de Paulo

Paulo é um homem tocado pela graça de Deus. Tudo o que ele compreende por vocação é consequência desta afirmação. Gnika (1998, p. 239) afirma: “Pela graça de Deus sou aquilo que sou” (1Cor 15,10). Paulo não poderia exprimir com palavras mais claras a convicção de ser aquilo que é exclusivamente em virtude da graça de Deus”.

Em algumas de suas cartas, Paulo menciona o momento da sua vocação, ocorrido poucos anos depois da crucificação de Jesus. Até aquele momento, ele vê os seguidores do Nazareno como uma ameaça aos pilares de sua fé judaica. Persegue-os! Lucas afirma no livro dos Atos dos Apóstolos que objetiva matar os cristãos (At 8,1-3). Na Carta aos Gálatas, o termo usado é *ἐπόρθουν*, declinação do verbo “*πορθέω* /destruir” (Gl 1,13). “A aparição de Paulo em Damasco deve estar relacionada, pois, a uma estratégia que buscava extirpar e desfazer um tumor no corpo do judaísmo” (ARBIOL, 2016, p. 52).

Depois do chamado divino acolhido e em discernimento pessoal para corresponder dignamente ao mesmo, Paulo vai a Arábia e volta ao convívio da comunidade helenista em Damasco (Gl 1,17). Após 3 anos, vai a Jerusalém e apresenta-se a Cefas/Pedro.

Paulo começa seu apostolado nas regiões da Síria e da Cilícia, e depois da segunda subida a Jerusalém, recebe a bênção (Gl 2, 9) junto com Barnabé, para pregar o evangelho aos gentios, sua vocação desde o seio materno, por graça divina (Gl 1,15): Paulo prega chamando os irmãos e irmãs para acolher a Salvação em Cristo, da mesma forma como ele foi chamado e, desta forma, libertado de sua escravidão. Segundo Schnelle (2010, p. 102),

Como apóstolo de Jesus Cristo e anunciador do Evangelho para gentios, Paulo é, segundo sua autocompreensão, também um profeta vocacionado por Deus. Assim como Amós e Jeremias (Am 3,8; Jr 20,9), ele se encontra ao longo de toda sua vida sob a obrigação de anunciar a mensagem de Deus (1Cor 9,16).

Ele também afirma que: "Em texto algum Paulo se refere espontaneamente ao evento de Damasco; são sempre seus adversários que o obrigam a fazê-lo" (SCHNELLE, 2010, p. 102). Crê-se que Paulo nunca tenha narrado de forma mais objetiva a *vocação* recebida e seja tão sucinto no relato dos fatos neste longo período de sua acolhida e discernimento – foram 14 anos do chamado em Damasco até o envio da Igreja de Jerusalém – justamente porque não quis que fosse modelo para ninguém. "É possível identificar essa experiência com a certeza da ressurreição de Jesus, mas nos movemos em terreno muito incerto" (ARBIOL, 2018, p. 53).

Paulo torna-se, sim, com convicção e plena dedicação, instrumento do chamado de Deus para as nações pagãs, e o modelo é Cristo e não a sua vida: "nós, porém anunciamos Cristo crucificado, que para os judeus é escândalo, para os gentios é loucura" (1Cor 1,23). Essa realidade se manifesta de uma forma muito clara na *vocação* que dirige aos Gálatas.

A vocação dos Gálatas

A carta aos Gálatas foi escrita pelo apóstolo dos gentios com o objetivo de não permitir que aqueles que já acolheram o Evangelho da Liberdade voltem à escravidão: "Permaneçam firmes, portanto, e não vos deixeis prender novamente ao jugo da escravidão" (Gl 5,1b).

A Galácia (na atual Turquia) era uma região na Ásia Menor, ao sul do Mar Negro, predominantemente rural (produzia cereais, peixe, carne e azeite) – embora tivesse também estradas, portos e correios –, na qual a maioria dos povoados permaneciam isolados nas montanhas. Para Ferreira, "toda a base de produção e relações mercantis era controlada pelo Império Romano. O império se mantinha pela arrecadação de tributos retirados dos povos dominados, entre os quais estavam

os gálatas" (FERREIRA, 2021, p. 26).

O povo gálata formou-se da miscigenação de vários povos. "A Galácia tinha uma 'raça mista', formada pelos 'frígios', historicamente os mais antigos que moravam no local, e pelos 'celtas', que vieram da Europa central, da região da bacia do rio Danúbio" (FERREIRA, 2021, p. 26). Os celtas eram considerados perigosos quando enraivecidos. "Entre eles havia gentios gregos, e pessoas trazidas para a Galácia de outras regiões dominadas por Roma. Eram trazidas como escravos para os latifúndios" (ANDERSON, 1985, p. 39).

Para Becker (2007, p. 385), "essa província certamente não estava entre os lugares diplomáticos mais cobiçados do Império Romano. A região era árida e inóspita, seus habitantes eram vistos pelos romanos e gregos como estranhos e bárbaros". No ano 25 a.C., o imperador romano Augusto criou a Província da Galácia. A antiga Galácia foi acrescida, ao sul, por treze colônias. Roma tinha o costume de doar terras aos ex-combatentes de seu exército e a outros colaboradores e informantes, o que propiciava a criação desses latifúndios e minifúndios, que seguiam o modo de produção escravagista romano. As distâncias entre ricos e pobres, inclusive na relação entre senhores e escravos, eram patentes.

Becker (2007, p. 386) indaga:

Paulo escreve para localidades da região de ocupação dos celtas ou a comunidades da província romana da Galácia? Geralmente e com razão, pressupõe-se hoje que em Gl 3,1 Paulo se dirija aos celtas. Tribos não-celtas da província da Galácia não teriam aceitado serem incluídas nessa denominação.

Porém, ele recorda que "a identificação dos destinatários da carta é de pouca vantagem: sabemos pouquíssimo da história cultural e religiosa daquela parte a nordeste do Império Romano" (BECKER, 2007, p. 385). Paulo foi o primeiro a anunciar o Evangelho naquelas terras e viu a nova vida que o Espírito foi capaz de proporcionar para aquele povo. Segundo Fabris (2008, p. 275), Paulo

Acentua a relação cordial e profunda que se estabeleceu entre ele e os gálatas...se apresentou entre os gálatas como um homem doente e necessitado de cuidados. Em vez de rejeitá-lo

como pessoa suspeita, porque estava atingido pela doença, o acolheram como se fosse um enviado de Deus, ou até mesmo como o Messias Jesus. Paulo pode testemunhar que o consideraram bem-vindo e cuidaram dele com grande generosidade e dedicação.

As comunidades que se formaram entre eles após o anúncio do Evangelho de Cristo viviam um modelo alternativo de vida, já não mais escravos e separados, mas na liberdade e fraternidade. Não existia mais a diferença entre o grego e o judeu, o escravo e o livre, o homem e a mulher (Gl 3,28). Becker (2007, p. 348) afirma que

As comunidades surgem porque mensageiros do Evangelho se compreendem como enviados por Deus, porque a mensagem é ouvida, do ouvir da mensagem surge a fé, que leva a invocar o Senhor... A participação sem distinção no Evangelho, que está aberto a todos e a todos trata da mesma forma, é, portanto, o aspecto primeiro e o mais fundamental quando se observa o esforço integrador das comunidades.

Algum tempo após sua passagem tão prodigiosa e a formação da nova comunidade entre os gálatas, Paulo infelizmente recebe a triste notícia de que "outro evangelho" foi anunciado entre eles, querendo corromper o Evangelho de Cristo (Gl 1,7: "não que haja outro"). A vida nova no Espírito corre risco.

Paulo decide escrever a Carta aos Gálatas. Nas suas cartas, "às vezes como no caso de 1Coríntios, ele responde perguntas específicas da igreja. Ele, com mais frequência, atacava as falsas doutrinas ou as condutas impróprias que ameaçavam a estabilidade da comunidade cristã" (LOWERY, 2008, p. 271). Nesta carta, os grandes frutos da fé em Cristo na vida dos gálatas – a liberdade e a fraternidade – podem ser roubados dos fiéis e devolvê-los a uma vida de escravidão. Eis o problema a ser resolvido.

A lei que escraviza

Um grupo de judaizantes, que pregou na região após a passagem evangelizadora de Paulo, ensina que não existe salvação para quem não se deixa circuncidar. A orientação, baseada na observância dos judeus à Lei do Senhor, se não for respeitada, leva à condenação. O caminho

da Salvação não é a fé em Jesus Cristo, mas a observância da Lei. Era necessário voltar à segurança da Lei, às obras da Lei. De acordo com Silvano (2021, p. 14),

Os judaizantes alegavam que Paulo não era apóstolo, pois não convivera com Jesus nem o conhecera; contestavam a sua autoridade e o evangelho pregado por ele entre os gentios (Gl 1,11-12), dado que não propunha as exigências supramencionadas. Por isso, procuravam separá-lo dos gálatas (Gl 4,16-17; 6,12) e o perseguiram (Gl 5,11).

Estes judaizantes, antes de qualquer coisa, espionaram as comunidades da Nova Aliança e notaram que gentios conviviam pacificamente, sem observar a lei judaica, com os judeu-cristãos. Isso os assustava. "Tinham medo de que este novo modo de vida, com repercussão no modelo social, viesse a suscitar a perseguição dentro de uma sociedade na qual a vida segundo a Lei Judaica era tolerada como uma religião lícita" (ANDERSON, 1985, p. 38). Desta forma, muito contrariados em seus princípios, procuravam estragar a sua experiência. Os três grandes alicerces da Lei Mosaica para os judeus do primeiro século eram a observância do Sábado, das leis da pureza e a circuncisão. Dunn (2011, p. 169) afirma que:

Essas observâncias eram amplamente consideradas características e distintivamente judaicas. Escritores como Petrônio, Plutarco, Tácito e Juvenal estavam convictos que particularmente a circuncisão, a abstenção da carne de porco e o sábado eram observâncias que distinguiam as pessoas que as praticavam como judaicas ou como pessoas muito atraídas pelos modos de vida judaicos.

Estas características claramente identificam o povo judeu. Eram como um crachá para membros da Aliança. Outro modelo de judaísmo que não se regesse pela Lei e por estas obras da Lei – como o Evangelho de Cristo que ganhava força e formava um novo tipo de assembleias – poderia se tornar muito perigoso dentro do Império Romano, estremecendo as relações entre Roma e os judeus. Segundo Dunn, "para sermos mais precisos, devemos definir como 'obras da lei' aquilo que a lei exigia de Israel como povo de Deus... Deixar de circuncidar um filho do sexo

masculino significava exclusão da aliança e do povo da aliança" (DUNN, 2003, p. 410-411).

Paulo atacava, com o seu evangelho e a sua justificação pela fé, essa autocompreensão básica dos judeus. Ora, para eles "Jesus atuou na sociedade judaica como membro integral dela, razão pela qual as questões haláquicas lhe diziam respeito, tanto quanto a outro membro da sociedade judaica, e não como um componente de uma seita fechada" (IZIDORO, 2013, p. 40). O Evangelho de Cristo, sendo compreendido com base no judaísmo, deveria defender que a circuncisão era uma exigência também para os gentios que aderissem ao seu Evangelho.

Paulo precisava se dirigir novamente aos gálatas para consertar esse grave erro, pois tinha clara a novidade do Evangelho de Cristo e queria esclarecer aos irmãos onde se encontra a sua verdade fundamental, "pois, em Cristo Jesus, nem a circuncisão tem valor, nem a incircuncisão, mas a fé operando por meio do amor" (Gl 5,6). De acordo com Fitzmyer (2018, p. 422):

Paulo escreveu Gálatas, mais provavelmente, às comunidades predominantemente gentílicas do norte da Galácia. A longo prazo, esta questão é de menor importância, uma vez que a mensagem de Paulo é compreensível, quer o destinatário possa ser claramente estabelecido, quer não.

Circuncidar-se significava, para Paulo, renunciar à liberdade dada pela fé em Cristo. Como caminhos salvíficos, a fé e a Lei são dois princípios que não se podem conciliar, pois a justificação se dá tão somente pela fé e nunca pela Lei. Uma conduz à liberdade, a outra à escravidão: "Os gálatas precisam escolher um ou outro: Cristo e a liberdade, ou a lei e a escravidão" (FITZMYER, 2018, p. 438). Segundo Dunn (2011, p. 173-174),

Paulo argumenta exatamente que estas duas noções são alternativas – a justificação por obras de Lei e a justificação pela fé em Jesus são opostos antitéticos. Dizer que a ação favorável de Deus em relação a alguma pessoa depende em algum grau de obras da Lei é contradizer a afirmação de que o favor de Deus depende da fé, da fé em Jesus Cristo.

Paulo, em uma de suas frases mais repetidas

em todos os tempos e lugares da humanidade, afirma que Cristo atua em nós para a liberdade. Ele nos quer livres; por isso e para isso nos libertou. Qualquer caminho que conduza à escravidão nos desvia dos seus desígnios.

Cristo de nada serve a quem se deixa circuncidar (Gl 5,2), pois este é obrigado a observar toda a Lei. Rompe, desta forma, com Cristo, e cai fora da graça (Gl 5,3-4). Se esta fosse a verdade, Cristo teria morrido na cruz em vão e o próprio evangelho anunciado por Paulo, que por meio do Espírito gerou vida e liberdade nas comunidades nascentes seria um engodo. Apenas a fé é capaz de salvar o homem, agindo pela caridade. Na visão de Dunn (2011, p. 73),

A justificação pela fé volta-se contra todos esses fundamentalismos que usam textos bíblicos para justificar um tratamento injusto de outras pessoas, aprisionam a graça de Deus em alguma formulação sectária que insiste na origem divina de qualquer política ou prática que desrespeita o 'gentio' ou que exige como condição da aceitação cristã mais do que a fé que opera através do amor (Gl 5,6).

Esse "outro evangelho" (Gl 1,7: "não que haja outro") pregado pelos judaizantes é um obstáculo para obedecer à verdade e viver a vida da graça. É interessante notar que, semelhante à organização do povo judeu em Israel, no primeiro século, na diáspora "de um lado, os judeus preservavam suas tradições e identidades; de outro, acomodavam-se às realidades e aceitavam, ao mesmo tempo, os benefícios da vida fora de Jerusalém e da terra natal" (CROSSAN; REED, 2007, p. 59).

Como afirma Anderson (1985, p. 44), "Séculos de dominação não se superam com breves momentos de evangelização". Quando surge o perigo, muitos se sentem tentados a procurar a segurança perdida nas antigas estruturas existentes. Os judaizantes pregam que a Lei oferece a segurança, dá identidade e defende dos possíveis problemas políticos com as autoridades imperiais – que já apareciam para estas novas formações sociais. Além de tudo, a salvação de Deus é garantida.

Paulo, porém, não retrocede. Pelo contrário, "Para Paulo o apego de Israel à sua posição

privilegiada era em si mesmo exemplo clássico de como o pecado abusa da lei e aproveita a fraqueza da carne para introduzir a humanidade na conexão pecado e morte" (DUNN, 2003, p. 202). Cristo que libertou o povo de um regime de escravidão é o caminho da verdadeira salvação e da liberdade. Não dá mais para voltar atrás.

O Evangelho da liberdade

Paulo apela ao discernimento dos cristãos, e afirma que após o advento de Jesus Cristo Salvador, o qual morreu e ressuscitou para a salvação de todos, não há mais outro caminho para uma vida plena sem a fé nele. Jesus é o Messias esperado. A herança de Abraão não vem pela Lei, mas pela fé na promessa (Gn 15,6). A mediação de Cristo cria uma relação de intimidade com o Pai e possibilita viver a verdadeira liberdade dos filhos de Deus. Segundo Cerfaux (2003, p. 170):

Os cristãos vindos do paganismo são, portanto, filhos de Abraão na ordem da justiça obtida pela fé e da circuncisão espiritual... Cristo está acima de Abraão na ordem da justiça do mesmo modo que está acima dos sacerdotes do Antigo Testamento, sendo sacerdote segundo a ordem de Melquisedec... Os cristãos unem-se, pois, diretamente a Abraão, sendo justificados assim como ele o foi, na qualidade de tipo e modelo. Abraão foi o primeiro a haurir da fonte, sendo, conforme o desígnio de Deus, o modelo e o tipo dos cristãos da gentildade, de todos os que são justificados pela fé em Cristo.

É comovente o uso dos verbos no imperativo, por parte de Paulo, na intenção de chamar seus irmãos gálatas a não caírem fora da graça divina. Até então corria bem (Gl 5,7), mas aparecem perturbados (Gl 5,10). Expressões como "στήκετε/*permaneçam firmes*" e "μὴ πάλιν ζυγῶ δουλείας ἐνέχεσθε/*não vos deixeis prender ao jugo da escravidão*" (Gl 5,1) demonstram o poder da vocação recebida pelos gálatas, e que agora precisa de uma resposta positiva e definitiva, para que não se perca.

"Vós fostes chamados à liberdade, irmãos" (Gl 5,7). A liberdade faz parte do projeto divino. Depois de experimentar o que é ser livre em um regime escravagista, de viver a verdadeira fraternidade em um mundo de desigualdades entre os gêneros e povos distintos, a comunidade cristã da Galácia, formada

por toda esta variedade de envolvidos, não pode se deixar enganar por uma doutrina de fé atrasada, que os levará de volta à escravidão. Pelo sacrifício de Cristo, a vida na obediência à Lei é superada pela vida na liberdade do Espírito evangélico.

A grande novidade do Evangelho de Cristo é esta: Nele, todos são livres, filhos e filhas de Deus, irmãos uns dos outros. "Quem é circuncidado e quem não é são iguais, e ninguém tem vantagem sobre o outro. A vantagem consiste em ter ou não ter fé" (MAZZAROLO, 2013, p. 137). Paulo denomina Evangelho o alegre anúncio salvífico centrado no mistério da vida de Cristo. Quem acolhe e adere ao Evangelho, por meio do batismo, participa gratuitamente da filiação divina que se expressa "na vivência da liberdade em Cristo, que consiste no deixar-se conduzir pelo Espírito (Gl 5,1-26), isto é, ter uma vida pautada pelo amor, pelo serviço (5,13; 6,1-10), sendo uma nova criatura (6,15)" (SILVANO, 2021, p. 21).

Cristo nos liberta de todo o tipo de escravidão, não somente do sistema de organização social romano e da escravidão da Lei. "Ser livre, como efeito do evento-Cristo é sinônimo de 'justificação'...está intimamente ligado ao processo de santificação (Ex 6,4-8)" (SILVANO, 2021, p. 195). A liberdade salvífica exige constante vigilância, portanto, para não se voltar à situação de escravos, debaixo das práticas do judaísmo e de qualquer estrutura corrompida deste mundo.

Mas a fim de que a liberdade diante da Lei não deixe o cristão na libertinagem, antes, que a vida no Espírito deve pautar a conduta espiritual (Gl 5,25), Paulo precisa invalidar a antiga e já conhecida objeção de que o Evangelho livre da Lei fazia de Cristo um servidor do pecado (Gl 2,17; Rm 5,1.15) (BECKER, 2007, p. 395).

Compreende-se desta forma como, a partir da perícopa estudada (Gl 5,1-6), Paulo desenvolve uma exortação moral para esclarecer aos gálatas que ser livres não significa fazer tudo que desejam fazer, se comportando de forma licenciosa. A liberdade plena se alcança deixando se conduzir pelo Espírito e vivendo o amor (Gl 5,13-14).

Até o fim da carta (Gl 5,1-6,18), essa será a tônica da reflexão.

A liberdade não é ilimitada nem é o valor supremo: é limitada pelo amor mútuo, síntese de toda a lei (Mt 7,12; Mc 12,31); é a liberdade que leva a um sair de si para abrir-se ao amor e estar a serviço dos irmãos e irmãs (SILVANO, 2021, p. 203).

E Paulo, em Gl 4,8-20, revela-se como o apóstolo que é capaz de agir com amor e ternura, a fim de salvar seus destinatários (GONZAGA, 2017b).

Conclusão

Tomando por base a vida de liberdade no Espírito, já experimentada pelos gálatas antes da confusão criada pelos judaizantes, e a profunda teologia de Paulo, tão bem apresentada na sua carta para eles, a pericope Gl 5,1-6 nos oferece de forma clamorosa a vocação dos cristãos à liberdade. Para a liberdade, Cristo nos libertou! (Gl 5,1-6) Para a liberdade, Cristo nos chamou! Cristo nos libertou tanto do pecado como da Lei.

Os imperativos apresentados pelo apóstolo dos gentios, de permanecer firmes e não se deixar amarrar pelo jugo da escravidão, revelam que a liberdade oferecida por Cristo Jesus também foi uma conquista que os gálatas experimentaram pessoal e comunitariamente, e devem continuar lutando para não perdê-la. Sem a devida atenção, a escravidão pode voltar à vida mesmo daquele que já aderiu a Cristo, trazendo de volta as desigualdades, as divisões, as discriminações e as diferenças das quais Cristo já nos libertou. A liberdade é a verdadeira vida no Espírito. Supera tudo o que provoca morte. Derruba os obstáculos. Rompe as barreiras. Gera a unidade e a fraternidade, entre irmãos e irmãs, em Cristo Jesus.

A vocação de Deus aos seus filhos e filhas para a vida em liberdade é um apelo extremamente atual da Palavra de Deus para a sociedade. Não é uma lei específica – como a circuncisão – ou um conjunto de regras, que nos concederão a justiça de Deus, mas a fé vivida no espírito de serviço, que o nosso libertador Cristo Jesus nos ensinou.

“É crucial para a saúde das Igrejas que esse aspecto da doutrina paulina sobre a justificação somente pela fé não seja negligenciado, como tem sido negligenciado na história do cristianismo

e ainda hoje está sendo negligenciado em muitas partes do ‘ocidente cristão’” (DUNN, 2003, p. 74). Neste mundo cada vez mais polarizado e intolerante, com tantas expressões de discriminação racial, financeira e de gênero, a voz do apóstolo nos incita a permanecer firmes nos caminhos da igualdade e da fraternidade, frutos da liberdade que experimentamos na vida do Espírito.

Referências

- ALAND, Kurt; NESTLE, Eberhard. *Novum Testamentum Graece*. 28. ed. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 2012.
- ANDERSON, Ana Flora. O Evangelho da Liberdade. *Revista de Estudos Bíblicos: Caminho da Libertação*, v. 2, Petrópolis, p. 38-49, 1985.
- ARBOLI, Carlos Gil. *Paulo na Origem do Cristianismo*. São Paulo: Paulinas, 2018.
- BECKER, Jurgen. *Apóstolo Paulo: Vida, Obra e Teologia*. São Paulo: Paulus, 2007.
- CERFAUX, Lucien. *Cristo na Teologia de Paulo*. São Paulo: Teológica, 2003.
- CROSSAN, John Dominic; REED, Jonathan L. *Em Busca de Paulo: Como o Apóstolo de Jesus Opôs o Reino de Deus ao Império Romano*. São Paulo: Paulinas, 2007.
- DUNN, James D. G. *A Nova Perspectiva sobre Paulo*. Santo André: Academia Cristã, 2011.
- DUNN, James D. G. *A Teologia do Apóstolo Paulo*. São Paulo: Paulus, 2003.
- FABRIS, Rinaldo. *Paulo: Apóstolo dos Gentios*. São Paulo, Paulinas, 2008.
- FERREIRA, Joel Antônio. *Carta aos Gálatas: Texto-base*. Brasília: CNBB, 2021.
- FITZMYER, Joseph A. A Carta aos Gálatas. In: BROWN, Raymond E.; FITZMEYER, Joseph A.; MURPHY, Roland E. (Orgs). *Novo Comentário Bíblico São Jerônimo: Novo Testamento e Artigos Sistemáticos*. São Paulo: Paulus, 2018. p. 421-440.
- GNILKA, Joachim. *Paolo di Tarso, Apostolo e Testimone*. Brescia: Paideia, 1998.
- GONZAGA, Waldecir. A estrutura literária da Carta aos Gálatas à luz da Análise Retórica Bíblica Semítica. *ReBiblica*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 9-41, 2021.
- GONZAGA, Waldecir. “Nascido de Mulher” (Gl 4,4). *Horizonte*, Belo Horizonte, v. 17, n. 53, p. 1194-1216, 2019.
- GONZAGA, Waldecir. O Corpus Paulinum no Cânon do Novo Testamento. *Atualidade Teológica*, Rio de Janeiro, v. 21, n. 55, p. 19-41, 2017a.
- GONZAGA, Waldecir. O Evangelho da ternura e a solidariedade de Gl 4,8-20. *Ribla*, São Paulo, v. 76, n. 3, p. 61-86, 2017b.

GONZAGA, Waldecir. O Salmo 150 à luz da Análise Retórica Bíblica Semítica. *ReBiblica*, Porto Alegre, v. 1, n. 2, p. 155-170, 2019.

GONZAGA, Waldecir; STRONA, Marco. Liberati per la libertà: per una semantica della grazia in Gal 5.1. *Pesquisas em Humanismo Solidário*, Salvador, v. 1, n. 1, p. 14-46, 2021.

IZIDORO, José Luiz. *Identidades e Fronteiras Étnicas na Cristianismo da Galácia*. São Paulo: Paulus, 2013.

LOPEZ, Davina C. *Paulo para os Conquistados: Reimaginando a Missão de Paulo*. São Paulo: Paulus, 2011.

LOWERY, David K. Teologia das Epístolas Missionárias de Paulo. In: ZUCK, Roy B. *Teologia do Novo Testamento*. Rio de Janeiro: CPAD, 2008. p. 269-330.

MAZZAROLO, Isidoro. *Carta de Paulo aos Gálatas: da Libertação da Lei à Filiação em Jesus Cristo*. [S.l.: s.n.], 2013.

MEYNET, Roland. A análise retórica: um novo método para compreender a Bíblia. *Brotéria*, Lisboa, v. 137, p. 391-408, 1993.

MEYNET, Roland. I frutti dell'analisi retorica per l'esegesi biblica. *Gregorianum*, Roma, v. 77, n. 3, p. 403-436, 1996.

MEYNET, Roland. *L'Analise Retorica*. Brescia: Queriniana, 1992.

MEYNET, Roland. La retorica biblica. *Atualidade Teológica*, Rio de Janeiro, v. 24, n. 65, p. 431-468, 2020.

RAMOS, José Augusto. Paulo de Tarso: a conversão como acto hermenêutico. In: FIALHO, Maria do Céu; PIMENTEL, Maria Cristina de Sousa; RAMOS, José Augusto; RODRIGUES, Nuno Simões (Orgs.). *Paulo de Tarso: Grego e Romano, Judeu e Cristão*. Coimbra: Universidade de Coimbra, 2012. p. 55-68.

SCHNELLE, Udo. *Paulo: Vida e Pensamento*. São Paulo: Paulus, 2010.

SILVANO, Zuleica Aparecida. *Carta aos Gálatas: Até que Cristo se forme em nós (Gl 4,19)*. São Paulo: Paulinas, 2021.

Diretor e professor de Teologia Bíblica do Departamento de Teologia da PUC-Rio. Criador e líder do Grupo de Estudos Análise Retórica Bíblica Semítica, credenciado junto ao CNPq. Doutor em Teologia Bíblica pela Pontifícia Universidade Gregoriana, Itália. Pós-doutorado pela FAJE.

Neimar Schuster

Mestrando em Teologia pela Escola Superior de Teologia (EST), São Leopoldo, RS, Brasil.

Endereço para correspondência

Waldecir Gonzaga
Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro
Departamento de Teologia
Rua Marquês de São Vicente, 225
Gávea
Rio de Janeiro, RJ, Brasil
22451-900
Neimar Schuster
Escola Superior de Teologia
Programa de Pós-Graduação em Teologia
Rua Amadeo Rossi, 467
Morro do Espelho
São Leopoldo, RS, Brasil
93030-220

Os textos deste artigo foram revisados pela Texto Certo Assessoria Linguística e submetidos para validação dos autores antes da publicação.

Waldecir Gonzaga